

NEOPLASIAS HIPOFISÁRIAS: PREVALÊNCIA, MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Ester Emanuela Mariano¹, Rafael Henrique Novotny¹, Samara Nunes Silva¹, Gislaine Mendes Marangon¹, Talita Rodrigues Corredeira Mendes²

1 - Discente da Faculdade de Medicina de Goianésia, Goiás, Brasil

2 - Docente da Faculdade de Medicina de Goianésia, Goiás, Brasil

Introdução: O adenoma hipofisário se forma por meio de um processo que se acredita ser derivado da expansão clonal de células anormais isoladas devido a mutações somáticas ou anormalidades cromossômicas. Quando ocorrem, podem ser descobertos por investigação de sinais e sintomas sugestivos devido à desregulação hormonal ou à expansão tumoral, como a compressão do quiasma óptico ou de estruturas adjacentes. **Objetivo:** sintetizar a prevalência, manifestações clínicas, diagnóstico e tratamento do adenoma hipofisário. **Metodologia:** Foi realizada revisão de literatura, do tipo narrativa, nas seguintes bases de dados: SCIELO, PUBMED e LILACS. Os descritores utilizados foram: “Neoplasias Hipofisárias” e “Neoplasias”, encontrando 3 estudos no SCIELO e 2 no PUBMED, totalizando 5 estudos selecionados. Com inclusão de artigos em português, inglês e espanhol dos últimos 5 anos, sendo excluídos os duplicados e os que não abordavam o assunto. **Resultados e Discussão:** As neoplasias hipofisárias são altamente prevalentes, geralmente benignas e com grande variabilidade clínica. Ocorrem em cerca de 10% da população, mas a maioria permanece inativa ao longo da vida, sendo a transformação maligna extremamente rara; ainda assim, até um terço pode invadir estruturas adjacentes. O impacto sobre a saúde depende do tipo celular, da atividade secretora e do comportamento de crescimento, manifestando-se por alterações endócrinas ou visuais. O diagnóstico requer avaliação neuroftalmológica e endócrina, com dosagens hormonais basais, testes de estímulo e supressão, além de exames de imagem, destacando-se a ressonância magnética com gadolínio como método de escolha. O tratamento é individualizado e pode incluir acompanhamento clínico, medicação, cirurgia e, em casos selecionados, radioterapia ou radiocirurgia. A cirurgia é geralmente indicada para adenomas secretores de GH, ACTH ou TSH, bem como para aqueles que causam comprometimento visual, enquanto os prolactinomas respondem preferencialmente a agonistas dopaminérgicos, sendo a cirurgia considerada apenas quando não há resposta adequada ou o tumor é volumoso. De modo geral, a terapia multimodal que controla secreção hormonal e

crescimento tumoral proporciona melhora da qualidade de vida e normalização da mortalidade. **Conclusão:** Em suma, o adenoma hipofisário é uma neoplasia não cancerígena cuja relevância reside no potencial de disfunção hormonal e comprometimento de estruturas adjacentes. O manejo multidisciplinar, com diagnóstico precoce e terapia individualizada (endócrina, cirúrgica e/ou radioterápica), é essencial para minimizar complicações e promover a qualidade de vida do paciente.

Palavras-chave: Adenoma hipofisário; Diagnóstico; Tratamento.